

Um futuro para o Douro Vinhateiro



LUÍS BRAGA CRUZ *

O que é possível dizer do Douro Vinhateiro, precisamente três anos e meio depois de a UNESCO ter reconhecido a sua paisagem cultural como património da Humanidade? Que continua a ser um dos cenários naturais que maior fascínio exerce sobre o visitante, em todo o território Nacional.

O Douro Vinhateiro é caso impar de eloquência ambiental e paisagística, porque associa de forma perfeita dois elementos notáveis: o vasto e majestoso entalhe que a erosão do rio fez no soco da meseta, a modelação operada pelo Homem, pela persistente e continuada acção de gerações de viticultores.

É desta mistura sábia, explorando singularidades climáticas e conhecimentos adquiridos,

que resulta um valor único. Trata-se de um Bem, de um testemunho vivo, de um recurso fabuloso.

Como qualquer recurso deve ser estimado, estudado, divulgado e preservado nas suas frágeis componentes. Mas porque se trata de um recurso vivo e em evolução, importa também esclarecer o que dele pode ser retirado de inovador e criativo, para poder continuar a projectar os seus atributos, de forma a que tal dinâmica se traduza num acréscimo de benefício e vantagem para o bem-estar dos que vivem no Douro.

Sugiro duas linhas de actuação:

O Douro precisa de reconhecimento, mas também de atitudes que não sejam descontinuadas perante a primeira dificuldade orçamental, tanto por parte da Administração Central como Local. O Douro carece de uma actuação pública coerente e que garanta integração a todos os pequenos e grande esforços que vão sendo feitos de forma dispersa. Na ausência de

uma instância regional descentralizada e perante a inoperância das figuras de associativismo municipal, essa garantia de actuação convergente e de coordenação tem de ser assumida com toda a clareza pela Administração Central. A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte é talvez o órgão que está mais bem colocado para exercer esse défice de autoridade por parte do Estado.

O Douro, dentro da sua relativa homogeneidade produtiva, precisa de diversificar a oferta sem perder o carácter de território sensível e variado. Ganharia com o aumento de alojamento turístico, em pequenas unidades bem integradas, no respeito pela paisagem e pelos seus valores. Mas também com a diversificação de marcas de novos produtos de nicho, associadas ao clima, à imagem, à natureza – do vinho aos frutos da terra, da animação aos itinerários culturais, da gastronomia ao lazer erudito. ■

**Presidente da Liga dos Amigos do Douro Vinhateiro Património Mundial*